



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

OS DESAFIOS DO PROFESSOR NA INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ESCOLA REGULAR

TEACHER'S CHALLENGES IN INCLUDING STUDENTS WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER IN REGULAR SCHOOLS

Júlia Franco Moraes¹

Mariele Trindade Silva Arrua²

Rita de Fátima da Silva³

RESUMO

Proporcionar uma educação igualitária para todos sem distinção atendendo às Necessidades Educacionais Especiais dos alunos é um dos maiores desafios da atualidade. O professor deve ser um mediador no processo inclusivo de ensino aprendizagem, contudo, em se tratando da inclusão do aluno autista na escola de ensino regular, vale ressaltar que o professor muitas vezes não está preparado para receber e lidar com esses alunos. Nesse contexto, este artigo apresenta como problemática: quais os desafios enfrentados pelo professor frente à inclusão escolar de crianças com autismo na rede regular de ensino? A metodologia utilizada foi uma revisão descritiva sistemática que busca responder uma pergunta, baseando-se em artigos científicos com enfoque no tema a ser estudado. O critério utilizado para a seleção dos artigos foi a análise dos resumos sendo selecionados aqueles que continham palavras-chave referentes a área de conhecimento em estudo. Foram utilizados quatro artigos que se baseiam em entrevistas com professores de escolas regulares de ensino onde os mesmos relatam as dificuldades enfrentadas na escolarização do aluno com TEA. Observou-se que tais dificuldades coincidem entres os diferentes professores de diferentes escolas. As principais dificuldades apresentadas foram: a falta de conhecimento sobre o autismo na formação inicial docente; a própria dificuldade de comunicação do aluno com TEA para com o professor e com os demais alunos; a falta de profissionais especialistas para atender à demanda de alunos autistas que necessitam de uma atenção maior para o desenvolvimento de atividades em sala; e a incapacidade assistir a aluno autista da forma que ele necessita. Vale ressaltar que, mediante a tantos desafios, muitos professores buscam por condições e recursos próprios, para que seu aluno consiga adquirir

¹ Acadêmica, UFMS-CPAQ. moraesjulia70@gmail.com

² Acadêmica, UFMS-CPAQ. marieletrindade@hotmail.com

³ Pós - doutora em Educação pela Universidade de Barcelona. Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana (UFMS/CPAQ) – rita.fatima@ufms.br



conhecimento e acompanhar o ritmo da sala de aula. É possível sim que todos tenham uma educação de qualidade desde que não esqueçam de considerar as especificidades de cada indivíduo.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Escolarização. Inclusão escolar.

ABSTRACT

Providing an equal education for all without distinction, meeting the Special Educational Needs seeks to answer a question, based on scientific articles focusing on the topic to be studied. The of students is one of the biggest challenges today. The teacher must be a mediator in the inclusive teaching-learning process, however, when it comes to the inclusion of the autistic student in the regular school, it is worth mentioning that the teacher is often not prepared to receive and deal with these students. In this context, this article presents a problem: what are the challenges faced by the teacher regarding the school inclusion of children with autism in the regular school network? The methodology used was a systematic descriptive review that criterion used for the selection of articles was the analysis of abstracts, being selected those that contained keywords referring to the area of knowledge under study. Four articles were used based on interviews with teachers from regular schools where they report the difficulties faced in the schooling of students with ASD. It was observed that such difficulties coincide among different teachers from different schools. The main difficulties presented were: the lack of knowledge about autism in the initial teacher training; the difficulty of communication of the student with ASD with the teacher and with the other students; the lack of specialist professionals to meet the demand of autistic students who need greater attention for the development of activities in the classroom; and the inability to assist the autistic student in the way he needs. It is worth mentioning that, faced with so many challenges, many teachers look for their own conditions and resources, so that their students can acquire knowledge and keep up with the pace of the classroom. It is possible that everyone has a quality education as long as they do not forget to consider the specifics of each individual.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Schooling. School inclusion.

1 INTRODUÇÃO

Conforme a Constituição Federal de 1988, todas as pessoas com deficiência possuem os mesmos direitos que as demais pessoas. Vale ressaltar que, havendo qualquer exclusão, diferenciação ou discriminação que possa de alguma forma afetar o desempenho dessas pessoas com deficiência, é caracterizado como crime segundo o artigo 88 da Lei No 13.146/2015 (BRASIL, 2015), gerando multa e pena de reclusão que pode chegar até três anos.

O objetivo da Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) é que todos os alunos com deficiência possam ser realmente incluídos nas escolas, conseguindo ter mais desenvolvimento, participação e entendimento, garantindo que essas pessoas com deficiência consigam ter de fácil acesso um ensino de qualidade, desde as séries iniciais até o ensino superior.



Em se tratando da inclusão do aluno autista na escola de ensino regular, vale ressaltar que o professor muitas vezes não está preparado para receber e lidar com esses alunos. Nesse contexto, este artigo apresenta como problemática: quais os desafios enfrentados pelo professor frente à inclusão escolar de crianças com autismo na rede regular de ensino?

O professor deve ser um mediador no processo inclusivo de ensino aprendizagem pois é ele quem vai promover o contato inicial do aluno autista com a sala de aula e os demais alunos com o objetivo de inclusão desse aluno. Mas para que isso seja de fato efetivado, o professor precisa ter uma formação inicial para alcançar seu objetivo enquanto educador.

2 O QUE CONSISTE O TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA (TEA)?

O termo autismo é derivado da palavra grega "autos" cujo significado é "próprio ou de si mesmo" e é caracterizado por um distúrbio de ordem neurológica que se manifesta ainda na infância, causando atrasos na aprendizagem e na interação social (OLIVEIRA, 2020).

O autismo, ou TEA, não possui uma causa definida e se manifesta até os três anos de idade afetando mais os indivíduos do sexo masculino. Dentre as características mais marcantes estão: tendência ao isolamento, ausência de movimento antecipatório, dificuldade na comunicação, alterações na linguagem, problemas comportamentais com atividades e movimentos repetitivos, resistência a mudanças, bom potencial cognitivo, capacidade de memorizar grande quantidade de material, dificuldade motora global e problemas com a alimentação (MENEZES, 2012).

Dentre as áreas acima citadas, a mais evidente e principalmente afetada é a habilidade social. Pessoas com TEA têm dificuldade de interpretar os sinais sociais e as intenções dos outros de modo que não conseguem distinguir corretamente algumas situações no ambiente em que estão. Esse aspecto associado à dificuldade na comunicação verbal e não verbal faz com que o contato social seja prejudicado uma vez que não sabem como interagir e manter vínculos com outras pessoas (SILVA et al., 2012).

2.1 Escolarização do aluno autista

Proporcionar uma educação igualitária para todos sem distinção atendendo às Necessidades Educacionais Especiais dos alunos é um dos maiores desafios da atualidade (OLIVEIRA, 2020).

Nesse sentido, Bortolozzo (2007) afirma que quando a dificuldade de um aluno é maior que a do restante de seus colegas de mesma idade e ainda, necessite de outras formas e



estratégias para aprender, este tem necessidades educacionais especiais.

O educador precisa saber potencializar a autonomia, a criatividade e a comunicação dos estudantes, e, por sua vez, tornar-se protagonista de seu próprio processo de aprendizagem. Todavia, o aluno com autismo apresenta características que comprometem sua aprendizagem necessitando, então, de apoio. Desse modo, a necessidade de escolarização para todos de modo a inserir os alunos com Necessidades Educacionais Especiais na escola regular vem caminhando no cenário educacional atual.

Conforme o Artigo 205 da Constituição Federal, a educação é um direito de todos e deve ser estendida à pessoa com autismo. Já o Artigo 206, estabelece igualdade de condições de acesso e permanência na escola para todos independentemente de sua condição. Esses direitos também são previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei no 9.394/96), na qual os Artigos 58 e 59 respaldam que o ensino da pessoa com deficiência (ou necessidades educacionais especiais) seja ministrado no ensino regular, preferencialmente. Além disso, há direitos previstos no Art. 1º, no § 2º, da Lei no 12.764/12, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, designando acesso à educação com as adaptações cabíveis que contemplem suas necessidades (OLIVEIRA, 2020).

2.2 Capacitação docente

Para que a proposta de inclusão de alunos com necessidades especiais na escola comum seja de fato cumprida se faz necessário refletir sobre a formação inicial do educador. A resolução n. CNE/CEB 02/2001 define Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica e competências necessárias para o atendimento em classes comuns alunos com necessidades educacionais especiais da seguinte forma:

§1º São considerados professores capacitados para atuar em classes comuns com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais aqueles que comprovem que, em sua formação, de nível médio ou superior, foram incluídos conteúdos sobre educação especial adequados ao desenvolvimento de competências e valores para:

- I - perceber as necessidades educacionais especiais dos alunos e valorizar a educação inclusiva;
- II- flexibilizar a ação pedagógica nas diferentes áreas de conhecimento de modo adequado às necessidades especiais de aprendizagem;
- III - avaliar continuamente a eficácia do processo educativo para o atendimento de necessidades educacionais especiais;
- IV - atuar em equipe, inclusive com professores especializados em educação especial. (BRASIL, 2001)

O que a legislação sugere é que a formação em educação inclusiva seja ofertada já na formação inicial do docente nos cursos de licenciatura como forma de mitigar as dificuldades



de atuação dos professores frente aos desafios da inclusão. Consolidando esse raciocínio, Barby (2005, p. 128) conclui que.

Desse modo, a formação de professores preocupados em ensinar a todos os alunos, num contexto curricular que inclua o diferente em seu âmbito de discussão, é um desafio a ser assumido pelos cursos de licenciatura. Afinal, o professor que recebe um aluno especial não é um missionário, nem um predestinado, mas precisa ser competente e estar comprometido com as minorias e com a diferença.

Há ainda uma falta de conexão entre a formação inicial docente e a abrangência da atuação do professor. Entende-se que essa formação inicial nos cursos de licenciatura é de suma importância para a concretização da proposta da educação inclusiva especialmente de alunos com necessidades especiais na escola regular. Em contrapartida, a fragilidade do currículo acadêmico e a falta de investimento nas universidades implicam diretamente na qualidade da formação do educador e indiretamente na qualidade do atendimento do mesmo para com os alunos frente às necessidades educacionais por eles apresentadas (OLIVEIRA, 2020).

3 DESENVOLVIMENTO

Apresentaremos neste artigo, uma abordagem de caráter qualitativo, a partir de estudos bibliográficos, sendo revisados quatro artigos referentes à Inclusão, o primeiro artigo “A inclusão educacional de alunos com autismo: desafios e possibilidades” (SILVA, NUNES, SOBRAL, 2019), segundo artigo “Professor e o autismo: desafios de uma inclusão com qualidade” (SOUSA, 2015), terceiro artigo “A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas” (BARBERINI, 2016) e o quarto artigo “Inclusão escolar de alunos com autismo: quem ensina e quem aprende?” (MENEZES, 2012).

A metodologia utilizada foi uma revisão descritiva sistemática que busca responder uma pergunta, baseando-se em artigos científicos com enfoque no tema a ser estudado. O critério utilizado para a seleção dos artigos foi a análise dos resumos sendo selecionados aqueles que continham palavras-chave referentes a área de conhecimento em estudo.

Segundo Lakatos e Marconi (2007, p. 273), [...] é uma modalidade de investigação naturalista, tendo como base a observação e a descrição. Lüdke e André (1986) ressaltavam que a validação e fidedignidade da observação como instrumento de investigação científica relacionava-se com seu caráter controlado e sistemático. Vale ressaltar que, todos os sujeitos citados no presente artigo trabalham com alunos diagnosticados com autismo.

Vale ressaltar que, para SANCHEZ (2005, p.9)

Todas as crianças têm direito à educação e deve-se dar a elas a oportunidade de



alcançar e manter um nível aceitável de conhecimentos; Cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias; Os sistemas de ensino devem ser organizados e os programas aplicados de modo que tenham em conta todas as diferentes características e necessidades; As pessoas com necessidades educacionais especiais devem ter acesso às escolas comuns; e As escolas comuns devem representar um meio mais eficaz para combater as atitudes discriminatórias, criar comunidades acolhedoras, construir uma sociedade integradora e alcançar a educação para todos.

3.3 Resultados

Na pesquisa de Silva, Nunes, Sobral (2019), foram feitas pesquisas em uma escola da rede pública de ensino onde alguns professores responderam questionários. Cinco professores (A, B, C, D e E) discutiram sobre os seus desafios e suas preocupações com alunos autistas. Em entrevista a docente A, explica que uma das dificuldades encontradas no seu aluno, seria referente ao acompanhamento diversificado, ao qual visa medir o grau de seu conhecimento aos conteúdos abordados e saber se de fato o aluno conseguiu compreender o que foi passado e explicado.

A professora, busca diariamente estar ainda mais atualizada sobre o autismo e também sobre outras necessidades especiais, desta forma, a mesma tenta trabalhar de maneira que o aluno participe de todas as atividades realizadas, seja dentro ou fora da comunidade escolar. Vale ressaltar que a escola visa sempre oferecer o melhor atendimento possível, disponibilizando todos os recursos cabíveis.

Em entrevista, a docente B explicou que uma das maiores dificuldades encontradas é a ausência de professores com formações específicas para atender o público autista, pois ela sabe das competências que esse aluno deve ter, porém não sabe como abordá-lo pedagogicamente e isso se torna muito desafiador.

Outra dificuldade bastante frisada, foi sobre o campo da leitura e escrita, sabe-se que muitos alunos autistas não possuem condições físicas e motoras para tal esforço, porém, socialmente falando eles se relacionam bem com a maioria dos outros alunos. Novamente é dito que a escola tem se empenhado bastante na tentativa de disponibilizar todos os recursos cabíveis para os alunos.

Em entrevista, a docente C apresenta como sendo a maior dificuldade de seu aluno com autismo a incapacidade de socializar com o restante dos alunos, a mesma ressalta que ele possui muita dificuldade em relação ao de foco e à atenção, além disso, o fato de ser um aluno não verbal acaba dificultando ainda mais o desenvolvimento. A professora afirma ainda que se mantém atualizada, sempre procurando novos métodos metodológicos para que o aluno de alguma forma não seja prejudicado, ou seja, trazendo novas técnicas didáticas, por exemplo,



alguns vídeos e brincadeiras.

Outra dificuldade que foi exposta, foi sobre a quantidade de recursos que a escola oferece, ela cita que não tem tantos recursos e materiais, por isso, ela faz tantos levantamentos em pesquisas em sites da internet, em revistas e jornais.

Em entrevista com a docente D, ressalta que a maior dificuldade é a inclusão do autista nas atividades diárias, ela justifica que não teve capacitação suficiente em sua formação para lidar com essa necessidade especial e afirma que somente pesquisas pela internet não são suficientes, porém, mesmo assim ela faz essa busca para tentar compreender mais sobre o autismo e outras necessidades especiais.

Porém, a professora ainda afirma que não consegue lidar e fazer a inclusão necessária na sala de aula, ela dita isso de forma angustiada, pois, possui uma classe muito numerosa e que, às vezes, há uma falta de atenção maior para alguns alunos, por isso, em sua sala de aula conta com uma cuidadora para ajudar o aluno autista a realizar as tarefas.

Por fim, a docente E, expõe que há uma dificuldade de inclusão da aluna autista nas atividades, pois, muitas vezes, não consegue dividir a atenção com os restantes dos alunos, porém, a aluna autista tem de certa forma, uma boa interação com os demais alunos. Foi frisado também que a escola possui um acervo muito bom de recursos para realizar alguns métodos de ensino-aprendizagem com os alunos diagnosticados com algum tipo de necessidade especial.

Na pesquisa de Sousa (2019), foram realizadas pesquisas qualitativas em uma escola da rede pública de ensino. No primeiro encontro foi feito o contato com a escola para autorizar a pesquisa, logo após houve uma pequena reunião juntamente com os participantes da pesquisa com o intuito de apresentar o projeto para que todos tivessem entendimento do seu desenvolvimento. Em seguida foi feita a entrega dos questionários, neste caso os professores responderam questionários, como é uma pesquisa qualitativa, o pesquisador se preocupou mais em coletar as informações de maior profundidade e mais relevantes, por fim foi feito o ajuntamento dos dados coletados.

Com base nas afirmações de Triviños (1987), aponta o Estudo de Caso como possivelmente o mais relevante dos tipos de pesquisa qualitativa. Refere-se a possibilidade de utilização do Estudo de Caso na pesquisa quantitativa, embora o considere pouco adequado à quantificação das informações, ou seja, como o questionário foi feito para coletar algumas informações sobre as técnicas utilizadas em salas de aulas e quais eram as principais dificuldades e desafios do professor para uma inclusão de qualidade.

Nos depoimentos dos questionários, foi possível notar que, muitos dos professores tem conhecimento do conceito do autismo, e sempre buscam mais conhecimentos sobre o assunto,



afirmam ainda que, esse conhecimento é muito favorável para o desenvolvimento dos trabalhos e atividades realizados em suas salas de aulas, podendo assim, de certa forma, facilitar, aumentar o desempenho e obviamente construir uma inclusão maior de seus alunos autistas.

Porém, ainda assim é notável os vários desafios dos professores, muitos deles (senão todos) não tem uma especialização que os capacite para trabalhar com alunos diagnosticados com alguma necessidade especial, muitos se sentem desamparados e não sabem como lidar com essas situações, pois sem preparos eficazes como poderão efetivar estratégias inclusivas em sala de aula?

Barberini (2016) em sua pesquisa utilizou abordagem qualitativa, em duas escolas da rede pública de ensino. Foram selecionadas oito professoras, onde quatro fizeram parte das observações sobre a metodologia referente às práticas pedagógicas das outras professoras. O questionário continha onze perguntas, as quais eram abertas e fechadas. As observações foram feitas em uma turma da escola A: com vinte e dois alunos; e em três turmas da escola B: na primeira turma havia trinta e um alunos, na segunda vinte e cinco alunos e na terceira trinta alunos, porém foram observados apenas cinco alunos diagnosticados com autismo e quatro professoras. Os questionários continham perguntas relacionadas a metodologia aplicada pela professora, como ela agia dentro de sala de aula com os alunos com autismo e os demais e como os alunos agiam conforme a metodologia docente.

Observa-se que os docentes da escola B tem uma rotina bem definida pois possui alunos com autismo. Já os docentes da escola A não possuem essa rotina. Observou-se que praticamente todos os docentes citados neste artigo, se esforçam incansavelmente para obter cada vez mais conhecimento com o objetivo de aplicar novas práticas de ensino, visando facilitar a aprendizagem dos alunos com algum tipo de necessidade especial.

A partir da pesquisa realizada, foi possível analisar as respostas dos questionários respondidos pelas docentes, que foram identificadas como A (sendo uma escola) e B (sendo outra escola). Podemos notar que, praticamente todas fazem atividades individuais e em grupo com seus alunos, exceto a docente B2, a qual realiza atividades individuais e diferenciadas, para o aluno que não consegue acompanhar a turma.

Para que o professor possa observar o grau de desempenho de seu aluno em sala de aula e o seu grau de aprendizagem, a atividade individual é essencial. Porém, para que se possa observar o estudante ter mais coletividade, se socializar mais, trocar conhecimentos e informações com outros estudantes, saber a hora de falar, questionar e respeitar a opinião do próximo, o trabalho ou atividades em grupo é fundamental para essa realização. Sobre as práticas pedagógicas podemos notar que, as docentes A1, A2 e B1 desenvolvem atividades e



trabalhos iguais para a turma toda, e que as docentes B2, B3 e B4 desenvolvem atividades e trabalhos individuais como um reforço sobre um determinado tema, somente as docentes B3 e B4 desenvolvem atividades e trabalhos diferenciados visando atender cada necessidade do aluno e a docente B5 desenvolve atividades e trabalhos em grupo para concluir um determinado tema.

Sabemos que essas atividades e trabalhos diferenciados desenvolvidos para os alunos com autismo meio que quebram com o conceito de inclusão, porém, se o aluno com algum tipo de deficiência não consegue acompanhar a turma, como vai conseguir realizar as mesmas atividades que os demais colegas da turma, o que é de super necessário, pois desta forma esses alunos seriam capazes de realmente aprender, desse jeito o docente irá ressaltar a valorização do aluno, o que hoje em dia não é muito visto, porém, obviamente essas atividades e trabalhos devem conter um caráter afetivo e social pedagógico, proporcionando assim uma qualidade de vida e um vínculo afetivo entre o aluno e professor.

Ou seja, foi possível notar que os alunos das docentes A2, B1 e B2, conseguem aprender de forma com a realização dos exercícios de fixação e os outros alunos das outras docentes, conseguem aprender com a explicação das atividades. Vale ressaltar que quanto mais vezes o professor explicar, melhor o aluno irá compreender sobre o conteúdo abordado, ou seja, é de extrema importância notar sempre se alguns dos alunos estão realmente de fato aprendendo algo. E apenas a docente B5 que segue somente o currículo da rede de seu estado.

Desta forma, vimos que a docente A1 além de seus planejamentos, ela também realiza pesquisas e a B3 faz o planejamento com a forma que os conteúdos devem ser trabalhados, sempre buscando atividades e trabalhos que fazem desenvolver a leitura, escrita e raciocínio, a docente B5 faz o seu planejamento por meio das Diretrizes Curriculares e Critérios de Avaliação para cada ano em que atua.

Na pesquisa de Menezes (2012), foram feitas entrevistas de forma informal com algumas professoras selecionadas, com o intuito de diminuir a timidez e ter mais rendimento nos depoimentos, desse modo, podendo-se usufruir mais e obter informações mais valiosas. Houveram também entrevistas semiestruturadas as quais continham um roteiro básico com alguns questionamentos voltados para a pesquisa, tal roteiro serviu para guiar a entrevista realizada, garantindo maior segurança para ambos (entrevistado e pesquisador) e para que o entrevistado pudesse relatar as dificuldades e facilidades no cotidiano, os processos evolutivos de seus alunos e para que pensasse sobre suas metodologias aplicadas. Todas as entrevistas foram gravadas em vídeo e em áudio para que depois pudessem ser transcritas.

foi utilizado um roteiro de observação, ao qual foi planejado para que conseguíssemos



organizar com base nas características comuns às crianças com autismo e para que direcionasse para interpretações sobre o processo de inclusão dos alunos em questão. No questionário contém perguntas referentes ao comportamento e interação dos alunos autistas com o professor, como cada aluno desenvolve as suas atividades e trabalhos propostos pelos docentes e se de fato compreendem aquilo que está sendo ensinado por eles. Também houve a coleta dos dados das notas registradas frutos das observações registradas em sala de aula.

As entrevistas informais conforme citado anteriormente, permite uma maior espontaneidade nas falas de seus depoimentos, assim os docentes não se sentem muito incomodados e desse modo conseguimos muitas variedades de diálogos mais abertos e que continham maiores informações valiosas.

As entrevistas semiestruturadas se constituía em um roteiro básico, com questões voltadas para que as docentes pudessem dissertar sobre a respeito das experiências de inclusão dos alunos com autismo e sobre o suporte que o Projeto de Acompanhamento à Inclusão oferecia. O real objetivo era que os docentes conseguissem dizer quais eram as dificuldades e facilidades na aplicabilidade dessas técnicas e novos métodos estratégicos de ensino abordados e que conseguissem avaliar também a evolução de seus alunos e que também pensassem sobre suas próprias práticas.

Essas entrevistas foram todas gravadas em áudio ou filmadas em vídeo e logo após foram transcritas, também foi feita a análise dos documentos tal qual era sobre o processo de inclusão dos alunos, desta forma para ajudar na organização foi dividido em 3 (três) fases.

Na Fase 1 (um), foi constituída uma avaliação sobre o contexto da sala de aula, referente às situações relacionados sobre o processo de inclusão dos alunos com autismo ou com outra deficiência, ou seja, podemos dizer que foi uma avaliação inicial. Primeiramente foram agrupados os dados referentes aos primeiros contatos na escola e na sala de aula e na segunda decisões que os professores abrangeram referente a inclusão escolar dos alunos e as primeiras análises.

Na Fase 2 (dois), utilizamos a pesquisa-ação, ao qual se configurou-se pelas orientações diretas aos professores, sobre a realidade observada na fase anterior, para essa fase foi preciso construir três categorias. Primeiramente, reflexões foram abrangidas e realizadas pelas docentes, ao qual levantaram hipóteses referentes à prática pedagógica com os alunos com autismo. Na segunda foi efetuado a organização dos dados referentes às decisões e ações relativas ao processo de inclusão. E na terceira, referiu-se à evolução dos alunos, ao qual eles referiram e foram apresentadas a partir das intervenções realizadas.

Na Fase 3 (três), representada como a avaliação final, podemos começar primeiramente



com a categoria das visões dos docentes e dos colegas de turma dos alunos com autismo, ou seja, visando o suporte oferecido pela Educação Especial e as mudanças observadas nos alunos. Na segunda, foi sobre as avaliações dos docentes, ou seja, sobre a experiência de vida. E na terceira, sobre as expectativas dos docentes com a continuidade do processo de escolarização dos alunos com autismo.

3.4 Discussão

Os artigos analisados neste estudo, tratam das dificuldades mais frequentes que os professores enfrentam na escolarização dos alunos autistas na escola regular. Observou-se que tais dificuldades coincidem entres os diferentes professores de diferentes escolas, o que nos permite traçar um panorama do quanto a educação ainda precisa avançar para de fato se tornar inclusiva aos alunos com necessidades especiais.

A primeira dificuldade apresentada pelos professores diz respeito à falta de conhecimento sobre o TEA. Muitos relataram que a sua formação inicial não os prepara para a atuação docente na sua totalidade, levando em conta as necessidades especiais que alguns alunos possam ter, desse modo, o conhecimento que estes possuem sobre o TEA, atualmente, foi adquirido através de pesquisas, estudos e até mesmo a convivência no dia a dia da sala de aula. Observou-se que tais professores estão sempre dispostos a aprender para entender melhor as dificuldades e condições dos seus alunos, muitas vezes buscando cursos de especializações na área.

Outro ponto destacado é a própria dificuldade de comunicação do aluno com o TEA para com o professor e com os demais alunos. Como já foi dito anteriormente, as pessoas autistas têm sua habilidade de socializar muito afetada apresentando muita dificuldade em interpretar os sinais sociais e as intenções das outras pessoas de modo que não conseguem distinguir corretamente algumas situações no ambiente em que estão. Além disso, há uma dificuldade na comunicação verbal e não verbal faz com que o contato social seja prejudicado uma vez que não sabem como interagir e manter vínculos com outras pessoas. Muitas vezes é nesse contexto que o professor está inserido e sem nenhum tipo de formação ou especialização para lidar com essas dificuldades que os alunos autistas enfrentam e se veem perdidos sem saber como ser um mediador para a construção do conhecimento desse aluno.

Isso nos leva ao próximo ponto destacado pelos professores: a falta de profissionais especialistas para atender os alunos autistas. Tais alunos necessitam de uma atenção maior para o desenvolvimento de atividades em sala por conta de suas dificuldades na comunicação. Cada



peessoa possui um grau de TEA diferente, podendo ser mais leve ou mais avançado, por exemplo, alguns não leem, outros não escrevem pois tem a sua capacidade motora reduzida, outros não conseguem se comunicar verbalmente dentre tantos outros aspectos.

Os professores relataram nas entrevistas que não conseguem assistir a aluno autista da forma que ele necessita pois precisa dar atenção aos outros alunos igualmente e, como a turma é numerosa, acabam não conseguindo dar a assistência necessária. Para isso, se faz necessária a presença de um professor de apoio que seja especializado na área para poder atender as necessidades do aluno autista mediando a comunicação deste com o professor regente e os colegas. Além disso, o professor de apoio tem a função de auxiliar o professor regente nas adequações das atividades de modo que o aluno consiga, dentro das suas possibilidades, obter o conhecimento e acompanhar o ritmo da sala de aula.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de demonstrar os desafios que um docente percorre para simplesmente tentar garantir o entendimento de todos os seus alunos, fizemos este trabalho de revisão bibliográfica.

Foi notório que todos os docentes que se dispuseram a colaborar com as pesquisas, têm muitas dificuldades para lidar com a inclusão de seus alunos autistas, pois a maioria não tem nenhum tipo de especialização ou dominância do assunto, o que acontece muitas vezes, que em situações específicas eles não sabem como lidar com as mesmas.

Sabemos que desenvolver atividades e trabalhos diferenciados é extremamente importante para a inclusão, porém, sabemos também que para que essas estratégias e métodos de ensino diferentes demandam carga horária, especializações, ao qual sabemos que hoje em dia o professor atual não tem.

A falta de ajuda também é algo que deve ser citado, pois, como foi dito anteriormente, sabemos que não são todas as escolas que são capazes de oferecer um ensino digno para todos os alunos, sem exceção. A realidade escolar muitas vezes não é compatível para conseguir todos os recursos que esses alunos com algum tipo de deficiência possam ser seguros que irão ter um ensino de qualidade suprema.

Porém, vale ressaltar que, mediante a tantos desafios, muitos professores buscam por condições e recursos próprios, para que seu aluno consiga ter pelo menos alguma referência de estudo digno. E fazem destas singelas aulas, um espetáculo de entretenimento para que assim todos os seus alunos consigam desenvolver uma educação de qualidade, para que saiam da



escola com a certeza ou pelo menos um pouco, de que vale a pena continuar e não desistir.

Vale ressaltar que, Zanellato e Poker (2012) definitivamente é sim possível que todos tenham uma educação de qualidade e que todos consigam ter potenciais altos, desde que não esqueçam de considerar as especificidades de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

BARBY, Ana Aparecida de Oliveira Machado. **Inclusão de alunos com deficiência no sistema regular de ensino: o pensar dos futuros professores**. 2005. 144 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Estado do Paraná, Curitiba.

BARBERINI, Karize Younes. **A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas**. Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvolv. [online]. 2016, vol.16, n.1, pp. 46-55. ISSN 1519-0307.

BRASIL. Lei nº 10.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, DF, 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília. DF. 1998.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, DF. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB nº. 02/2001**. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Secretaria de Educação Especial. Brasília, DF. 2001

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da educação Inclusiva**. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 07 de jul. 2015.

BRASIL. Presidência da República. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Lei nº 13.146 de 06 de Julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF. 2015.

BORTOLOZZO, Ana Rita Serenato. **Banco de dados para o uso das tecnologias de informação e comunicação na prática pedagógica de professores de alunos com necessidades especiais**. 2007. 16 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2007.

LÜDKE, Menga; ANDRÊ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MENEZES, Adriana Rodrigues Saldanha de. **Inclusão escolar de alunos com autismo: quem ensina e quem aprende?** 2012. 160 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.



OLIVEIRA, Francisco Lindoval. **Autismo e inclusão escolar**: os desafios da inclusão do aluno autista. Revista Educação Pública, v. 20, n. 34, setembro, 2020. ISSN 1984-6290. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/joseph-autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista>. Acesso em: 04 outubro de 2022.

SÁNCHEZ, Pilar Arnaiz. A Educação Inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI. In: Inclusão. **Revista da Educação Especial**. Out/2005. Disponível em: <https://www.inclusao.org.br/revista-da-educacao-especial>. Acesso em Outubro de 2018.

SILVA, Marília Marluce da; NUNES, Cícera Alves; SOBRAL, Maria do Socorro Cecílio. A Inclusão Educacional de Alunos com Autismo: Desafios e Possibilidades. Id on Line **Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.43, p. 151-163. ISSN: 1981-1179.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. 1a ed. **Mundo Singular**: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Fontanar, 2012.

SOUSA, Maria Josiane Sousa de. **Professor e o autismo**: desafios de uma inclusão com qualidade. 2015. 34 f. (Especialização Educação Especial). Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais, a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ZANELLATO, Daniella; POKER, Rosimar Bortolini. **Formação continuada de professores na educação inclusiva**: a motivação em questão. Revista Ibero-Americana de estudos em educação, São Paulo, v. 7, no 1, p. 147-158, 2012.